

EQUIDADE, DIVERSIDADE, PLURALIDADE: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO DO NOSSO TEMPO

ID Gláucia Dias da Costa [Editora-chefe]

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5920-5970>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: glauucia.costa@gmail.com

ID Fernanda Müller

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8349-6915>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: f.muller@ufsc.br

ID George Luiz França

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2974-7215>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: francalgeorge@gmail.com

ID Lara Duarte Souto-Maior

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8950-734X>

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil.

Contato: lara.duarte@ufsc.br

ID Leomar Tiradentes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7258-7926>

Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil.

Contato: leotiradentes@yahoo.com.br

Promover a equidade, valorizando e respeitando a diversidade e a pluralidade são princípios norteadores já consolidados no âmbito do discurso acerca de uma educação verdadeiramente emancipadora. Todavia, permanecem um grande desafio no que se refere a sua concretização no chão da escola. No Colégio de Aplicação da Universidade Federal

de Santa Catarina não é diferente: nossa escola enfrenta o desafio cotidiano de transformar seus valores em práticas pedagógicas libertadoras E NÃO HÁ LIBERDADE ONDE NÃO EXISTE DIVERSIDADE E POLÍTICAS DE INCLUSÃO. Trata-se de uma tarefa complexa, porque envolve romper visões hegemônicas de e sobre sujeitos que aprendem e que ensinam, sobre como se dá a construção de sentidos e o compartilhamento de saberes.

Educar hoje, mais do que nunca, exige a sensibilidade de reconhecer que cada estudante traz consigo uma bagagem socioeconômica, cultural e afetiva. Tal bagagem é única, no que se refere às singularidades da personalidade e das vivências de cada indivíduo, acrescidas de questões de gênero e de necessidades específicas no caso de pessoas com deficiência. Mas há também a bagagem compartilhada, que carrega as marcas das coordenadas geográficas de onde se nasce e se cresce, das coordenadas geográficas, das vivências étnicas e dos saberes da ancestralidade, as quais aludem a vivências compartilhadas, ao coletivo. Em um contexto democrático e inclusivo, garantir a equidade significa oferecer caminhos distintos para que todas as pessoas alcancem as mesmas oportunidades de desenvolvimento. Promover diversidade na escola implica também em validar e respeitar as múltiplas identidades, de modo a contribuir para uma comunidade escolar rica, porque plural, capaz de se adaptar e orgulhosa de suas diferenças.

Neste ano de 2026, o Colégio de Aplicação da UFSC completa 65 anos, uma história dedicada à educação pública, à formação de professores, ao ensino de qualidade e ao desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras em constante diálogo com as mudanças sociais. Toda escola é um espelho da sociedade. Nesses 65 anos, a sociedade brasileira se transformou profundamente. Passamos por uma longa ditadura civil-militar e por um difícil processo de redemocratização, que nos devolveu liberdades usurpadas e ampliou a noção de cidadania, criando novos e necessários direitos. Nesse período os debates sobre a inclusão e a diversidade, que se amplificaram na sociedade brasileira desde a Constituição (1988) e da LDB (1996), ecoaram em nossa escola e produziram mudanças.

A fim de democratizar o acesso de estudantes de diferentes classes sociais, em 1992 o colégio instituiu o sorteio público universal como forma de ingresso na instituição¹, modificando radicalmente o perfil sociocultural de seus estudantes, que antes dessa data eram filhos de servidores da UFSC. Além disso, tendo como norte a promoção da equidade, outras ações foram tomadas na última década, especialmente no que se refere ao ingresso e à permanência estudantil. Levando-se em conta a excelência do ensino do CA/UFSC, a disputa pelas vagas na escola sempre foi grande, todavia, após anos de sorteio público, perfil discente da instituição não representava efetivamente a diversidade da população catarinense. Desse modo, foi instituída a reserva de 5% das vagas para estudantes com deficiência, decorrente da Ação Civil Pública nº 2001.72.00.001291-8, e, de acordo com o Decreto Nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004, a Lei Nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 e a Lei Nº 14.126, de 22 de março de 2021, destinadas a pessoas com deficiência física,

¹ De 1961, ano de sua inauguração, até 1992 o ingresso no Colégio de Aplicação da UFSC passou por diferentes fases. Em princípio a entrada se dava por Exame de Admissão, na década de 1970 passou-se a adotar prova de seleção, no final dessa mesma década as vagas passaram a ser destinadas a filhos de servidores da UFSC.

auditiva, visual, mental, múltipla ou com transtorno do espectro autista. Com a ampliação da entrada de estudantes público-alvo da educação especial, foi necessário criar estratégias para amparar o trabalho pedagógico. Para tanto, construiu-se, ao longo dos anos, uma grande equipe multiprofissional para atendimento aos direitos desses estudantes, a qual inclui professores e pedagogos de educação especial, intérpretes de LIBRAS, profissionais de enfermagem, fonoaudiologia, serviço social, psicologia, nutrição, orientação educacional e terapia ocupacional, entre outros. Atualmente, 151 estudantes público-alvo da educação especial estudam no CA, uma denominação que, de acordo com a legislação vigente, abrange pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação,.

Mas era preciso ir além. Assim, em 2022, após longo processo de discussão de uma minuta entre o Colégio de Aplicação e o Núcleo de Desenvolvimento Infantil, foi aprovada no Conselho Universitário da UFSC a Política de Ações Afirmativas para a Educação Básica da Universidade (Resolução Normativa n. 168/CUn/2022). Com ela, foi estabelecida a reserva de 20% das vagas para estudantes pretos, pardos, indígenas e quilombolas, tanto no sorteio do CA quanto no do NDI. Essa política encontra-se em revisão, especialmente por demanda das comunidades indígenas e quilombolas, tendo em vista estabelecer reservas específicas para cada grupo, o que deverá ser apreciado nas instâncias competentes ainda neste ano. Ademais, ao longo da atual gestão da UFSC, as reservas de vagas para esse público passaram a ser aplicadas em todos os processos de seleção da universidade, incluindo os processos para contratação de professores substitutos e estágios com bolsas PIBE.

Mais recentemente, em 26 de maio de 2026, foi aprovada pelo Conselho Universitário a Política Institucional para o Ingresso e a Permanência de Estudantes Indígenas e Quilombolas. Isso aponta, também, para a necessidade de se pensar a permanência, para além do ingresso. Nesse sentido, embora o Colégio de Aplicação faça, anualmente, um edital para cadastrar os estudantes de acordo com seu índice de vulnerabilidade social (pensado de maneira interseccional, para além do critério de renda), a falta de recursos em que se encontram as universidades públicas brasileiras tem inviabilizado a implementação de uma política de permanência para a educação básica. Conseguiu-se, até o momento, isenção para os mais vulneráveis almoçarem no Restaurante Universitário, o que foi um avanço, mas, novamente, é preciso ainda mais.

Diante da mudança do perfil de nossos estudantes e dos profissionais que atuam em nossa escola, mas cientes de que se trata de uma mudança de perfil que faz parte da realidade das outras escolas e instituições de ensino brasileiras, em todas as regiões do Brasil e em todos os níveis educacionais, oferecemos a nova edição da Revista **Sobre Tudo**, vol. 17, n. 1. No presente volume, a equidade, a diversidade e a pluralidade na construção de saberes ganham voz e forma. Abrimos as páginas para produções científicas e artísticas, que integram o conhecimento acadêmico às vivências escolares e comunitárias, oferecendo alternativas promissoras. Como resultado, nosso leitor encontrará aqui um total de 14 artigos acadêmicos de autores de diversas instituições de ensino brasileiras.

Começando com a diversidade, o primeiro texto da presente edição, de autoria de Adilson de Angelo e Maria do Carmo Amorim Vieira, ambos da UDESC, é intitulado:

“Educação escolar e infância indígena: panorama legal e estudo de caso da Educação Infantil Indígena na Escola Taguató (Aldeia Guarani Itanhaém, Biguaçu)”. O segundo artigo, “Conexão com a natureza e percepção de educação ambiental: uma investigação com alunos da Escola Profissional da Ribeira Grande de São Miguel, Açores, Portugal”, foi escrito por Sabrine Lino Pinto e Eduardo Fausto Kuster Cid, ambos do Instituto Federal do Espírito Santo, em parceria com Eduardo José da Silva Tomé Marques, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade dos Açores, Ponta Delgada, Ilha de São Miguel. Ainda pensando a produção de conhecimento marcado por recortes espaciais, apresentamos “O conceito de lugar no ensino de geografia nos anos iniciais: contribuições da fotografia a partir da base nacional comum curricular”, de Jacks Richard de Paulo e Rafael Silva, da Universidade Federal de Ouro Preto. Ainda nesse primeiro bloco, temos “O trajeto dos alimentos: um diálogo entre agroecologia e agricultura familiar em um processo de letramento científico no estágio supervisionado nos anos iniciais”, de autoria de Rafaela Garcia, Manuela Jonck e Davi de Codes, os três vinculados à UDESC.

Seguindo com a pluralidade e a equidade, apresentamos o texto “Juventudes, desigualdades e experiências urbanas na Região Metropolitana do Rio de Janeiro”, de Tamiris Batista Diniz, do CEFET Rio de Janeiro, e Guilherme Preato Guimarães, da UERJ. Também merece destaque o artigo “Crianças migrantes na educação básica brasileira: uma reflexão urgente”, de Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos, da USP. Já no campo da inclusão, destacamos os trabalhos “Incluir como princípio: experiências do Núcleo de Desenvolvimento Infantil da UFSC a partir da teoria histórico-cultural e do desenho universal para a aprendizagem”, de Katia de Moura Graça Paixão e Niteri Ferreira Vieira, ambos da UFSC; e “Educação inclusiva e interdisciplinar: caminho para uma formação humana”, de Jorge de Menezes Rodrigues e Diane Matos Pinheiro Aguiar, ambos da UEAM, e Mateus Duarte, do SEDUC-Amazonas.

Com uma perspectiva que engloba a diversidade de saberes, oferecemos o trabalho o “Ensino de arte na educação infantil: cartas pedagógicas e as teorias de John Dewey”, de Regina Ridão Ribeiro de Paula, Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula, Fabiane Freire França e João Paulo Baliscei, todos vinculados à UEM. Agora no campo das exatas, “Realidade aumentada no ensino de geometria: inovação e equidade em escolas públicas” é uma pesquisa desenvolvida por Rita Lucia Bellato, Bernardo Bellato Bieger e Patrícia de Sá Freire, os três da UFSC. O artigo publicado a seguir é intitulado: “Participação política das famílias nas unidades de educação infantil”, e tem a autoria de Julice Dias, que orientou o trabalho, além de Joice Jacques da Costa Pereira, Camila Vieira da Rosa Alves e Cláudia Vitória Hasckel Loch, todas da UDESC.

A presente edição também traz relatos de experiências docentes. No âmbito das artes, destacamos “Um encontro com Portinari: a arte na infância”, de Sara Duarte Souto-Maior e Jéssica Helena Santos de Abreu, ambas professoras da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis, vinculadas à UDESC. A seguir, “Personalidades negras em foco: construindo narrativas a partir de colagens digitais”, é um trabalho de Luana Lopes, da UFPR. Na sequência, publicamos o trabalho intitulado “Formação de professores FLE: da prática à reflexão no contexto do PIBID – Letras-Francês no Colégio de Aplicação/UFSC”, de Clarissa Lauss Pereira Oliveira, Nanceli Piucco e Sara Farias da Silva, todas da UFSC.

Para encerrar com chave de ouro a presente edição, a revista oferece um rico ensaio fotográfico sobre o espaço escolar. Trata-se de um trabalho resultante de uma exposição no Espaço Estético, galeria escolar do Colégio de Aplicação, em que Karen Rechia, historiadora, professora da UFSC, fotógrafa e artista, nos convida ao diálogo sobre vínculos, sobre os sentimentos que nos mobilizam a permanecer e a querer ir além ao adentrar o espaço escolar. Desejamos que todas as leituras a seguir instiguem o pensamento crítico e fortaleçam a empatia mútua, nos levando a superar barreiras, fronteiras e obstáculos. Afinal, construir uma educação democrática e voltada à equidade é um exercício coletivo, cotidiano e, mais do que nunca, urgente.

Desejamos a todas as pessoas uma excelente e inspiradora leitura!

Leiam! Compartilhem! Desengavetem suas ideias!